



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAIBA
CENTRO DE HUMANIDADES OSMAR DE AQUINO
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
COORDENAÇÃO DE HISTÓRIA**

ISABELLY BEZERRA FORTUNATO

**O ENSINO DE HISTÓRIA: ENSINAR E APRENDER COM A
DIVERSIDADE EM SALA DE AULA**

GUARABIRA-PB

2016

ISABELLY BEZERRA FORTUNATO

**O ENSINO DE HISTÓRIA: ENSINAR E APRENDER COM
ADIVERSIDADE EM SALA DE AULA**

Artigo Apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em História, do Centro de Humanidades da Universidade Estadual da Paraíba, como Trabalho de Conclusão de Curso e requisito para a obtenção do título de Graduado em História.

Orientadora: Prof.^a Ms. Mônica de Fátima Guedes de Oliveira.

GUARABIRA-PB

2016

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL DE
GUARABIRA/UEPB

F125e Fortunato, Isabelly Bezerra

O ensino de história: ensinar e aprender com
adversidade em sala de aula / Isabelly Bezerra
Fortunato. – Guarabira: UEPB, 2016.
22 p.

Artigo (Graduação em História) – Universidade
Estadual da Paraíba.

“Orientação Profa. Ma. Mônica de Fátima Guedes de
Oliveira”.

1. Ensino de História. 2. Diversidade Social. 3.
Educação Inclusiva. I. Título.

22.ed. CDD 371.9

ISABELLY BEZERRA FORTUNATO

**O ENSINO DE HISTÓRIA: ENSINAR E APRENDER COM A DIVERSIDADE EM
SALA DE AULA**

Aprovada em: 20/10/2016

BANCA EXAMINADORA



GUARABIRA-PB

2016

Dedico este trabalho a meus pais pelo amor que têm comigo.

Á meu esposo Josieliton que esteve sempre ao meu lado e me incentivou a continuar seguindo em busca dessa conquista em minha vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à Deus, pela vida e pela realização desse sonho.

Agradeço a meus pais pelo amor a mim dedicado.

A meu esposo, Josieliton pela paciência e pelos incentivos de sempre.

Agradeço a todos que foram meus professores. Principalmente a Marisa Tayra “In memoriam” que tanto me mostrou que a simplicidade e a essência são fundamentais na vida de um ser humano. Ao inesquecível Ruston Lemos, Gilvan Torres e Naiara Ferraz.

A todos os colegas que me acompanharam na Universidade, principalmente a turma de história 2011.1 noite.

Agradeço a minha orientadora Mônica Guedes pelo apoio e dedicação durante a trajetória do TCC.

“Quem acredita.,
sempre alcança...”

(Renato Russo)

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	18
2	DISCUTINDO O ENSINO DE HISTÓRIA.....	18
2.1	<i>Discutindo Diversidade</i>	21
3	VIVÊNCIA EM SALA DE AULA NA ESCOLA ESTADUAL SÍLVIO PORTO.....	26
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	29
5	REFERÊNCIAS.....	21

RESUMO

Através desse artigo vamos abordar o sobre o Ensino de História e sua contribuição com o passar do tempo. Como é a diversidade em sala de aula e como trabalhar com a diversidade, a postura da escola de uma maneira geral, além das mudanças na estrutura escolar para acesso dos cadeirantes. Mostrar a importância do estágio na prática escolar e as perspectivas para os futuros professores. Na Fundamentação teórica utilizamos os autores SCHMIDT, Maria Auxiliadora (2009), DUK, Cynthia (2006), KARNAL, Leandro (2016), entre outros. E como resultados constatamos que a escola ainda precisa de melhorias tanto na estrutura física como no corpo de funcionários que dela fazem parte. Acolher o público que possui algum tipo de deficiência, para que assim se sintam parte integrante não apenas da escola, da sala de aula e da comunidade. No decorrer do trabalho, mostraremos propostas ou opções para se trabalhar a diversidade em sala de aula.

Palavras-Chave: Ensino de História. Diversidade. Professor

1 INTRODUÇÃO

Através desse trabalho pretendemos mostrar como era o ensino de História desde o séc. XVIII até os dias atuais. Mostrando a função do ensino de história, do professor e matérias didáticos.

A diversidade está muito presente em sala de aula. Consideramos importante abordar esse assunto afim de mostrar como nosso país é rico no que diz respeito a diversidade e algumas formas de trabalhar melhor o assunto em sala de aula.

Trabalhar com a diversidade não é tarefa fácil, pois existe muito preconceito advindos da diversidade. Os professores muitas vezes não estão preparados para lidar com esse desafio de englobar. A contribuição do estágio na minha formação docente foi muito importante, pois fez com que eu percebesse que perfil de profissional poderia ser, observei como a escola Estadual Sílvio Porto, lida com a diversidade. A escola está sendo adaptada, algumas rampas para acesso aos cadeirantes. As mudanças estão acontecendo de forma lenta, pois precisa de um incentivo do governo para disponibilizar cursos de capacitação não só para os professores como para toda a escola.

O apoio da sociedade e da escola são muito importantes para realizar a inclusão, mas com o incentivo do governo seria bem mais possível.

2 DISCUTINDO O ENSINO DE HISTÓRIA

O ensino de História é muito importante. Antes era desenvolvido para suprir os interesses da burguesia, mas vai ganhando espaço de acordo com a necessidade da população. A visão europeizada vai ficando menos enfatizada e uma história nacional vai ganhando um pouco de espaço. A escola nova, vai surgindo e mudando a escola tradicional. A figura tanto do professor como do aluno vai mudando no decorrer desse processo, as formas de ensino de História também.

O Ensino de História é uma disciplina fundamental. Sua importância vai variar com o passar do tempo e de acordos com interesses nas finalidades do ensino e das classes dominantes.

“O processo de transformação da História em disciplina “ensinável” ocorreu primeiro na França, no contexto das transformações revolucionárias do século XVIII,

inserido na luta da burguesia pela educação pública, gratuita, leiga e obrigatória. ” (Shimit 2009 pág 11)

O interesse nessa fase era o educar a burguesia, uma educação para a classe dominante. Onde faziam questão de enfatizar os grandes atos heroicos e os grandes heróis. A memorização nessa época é primordial, para que se lembrasse de datas e nomes importantes. A figura do professor era importante, pois era ele quem transmitia o conhecimento usando o livro didático, hoje ele auxilia o aluno a buscar conhecimento.

No Brasil, a disciplina de História no século XIX tinha uma visão europeizada da História, já que foi colonizada pelos portugueses, e os professores tinham formação na Europa, com isso seguiam seus exemplos e mesmo depois da Proclamação da República, continuou assim e foi criticada por alguns historiadores brasileiros. Mas depois dessas críticas passaram a incluir outros programas como afirma Schimit:

Apesar de a Europa ser a principal referência dos conteúdos ensinados na disciplina de história, pode-se afirmar que, a partir de 1860, as escolas primárias e secundárias começaram a, sistematicamente, incluir seus programas a história nacional. (Schimit 2009 pág 12)

Estudar a partir do presente para compreender o passado e compreender o presente. Questionar os fatos e formar opiniões próprias.

Cada vez mais em busca de aprimoramentos para melhorar o ensino, mas não podemos esquecer da importância do livro didático, embora muito criticado na atualidade esquecem de sua contribuição, e fecham os olhos para sua utilidade, acrescentar fontes novas, recursos novos, mas não o descartar o livro didático, nele contém muito conteúdo que se pode aproveitar.

O professor de História é de suma importância, pois este vai servi de intermédio entre os alunos e os conteúdos, ajudando-os a compreender melhor sobre estes e criar suas observações e opiniões. Como afirma SCHIMIDT:

Nesse sentido, o professor de história ajuda o aluno a adquirir as ferramentas de trabalho necessárias para aprender a pensar historicamente, o saber-fazer, o saber-fazer-bem, lançando os germes do histórico. Ele é responsável por ensinar ao aluno como captar e valorizar a diversidade das fontes e dos pontos de vistas históricos, levando-o a reconstruir, por adução, o percurso da narrativa histórica. Ao professor cabe ensinar ao aluno como levantar problemas, procurando transformar,

em cada aula de história, temas e problemáticas em narrativas históricas. SCHIMIDT 2009 pág 34

Como o professor atua em sala de aula, vai ajudá-lo no dia-a-dia escolar. Ele tem que ter que saber os métodos que vai usar a postura que deve tomar e sensibilidade para observar se está conseguindo atingir o almejado aprendizado dos alunos e mudá-los conforme essas percepções.

Segundo Karnal (2016), quando o professor entre em sala e fecha a porta, aquele espaço é dele. Ele que seleciona os conteúdos a serem trabalhados, a metodologia, as fontes.

Karnal diz que aluno percebe muito, então percebe quando um professor se mostra aberto ao diálogo ou se vai apenas passar o conteúdo. E as vezes usam o que o professor diz contra ele. Um exemplo: Se alguém conversar, coloco para fora da sala. Então não se deve falar o que não pode cumprir.

Segundo Karnal, o professor não pode simplesmente chegar à sala e despejar o conteúdo como se os alunos fossem folhas em branco, pois estes trazem consigo sua história. Por isso seria bom aproximar a História de suas realidades, fazendo com fatos que aconteceram na História, fazendo assim com eles fiquem mais interessados nas aulas. Possuem uma curiosidade enorme, então uma alternativa interessante, mostrar um documento e dialogar com eles sobre esse documento e dizer que nem tudo é verdade, que algum discurso ou documentos foram criados com o decorrer do tempo por interesses das classes dominantes.

Algumas vezes o professor tenta inovar a aula com diferentes métodos de ensino. Planeja uma aula dialogada e pede para que os alunos leiam antes um texto de duas laudas, mas na hora da aula nenhum aluno quer participar e a aula volta a ser aquela que o aluno só ouve. A grande responsabilidade é dada aos professores, mas se os alunos não se interessam fica mais difícil de ter uma aula dialogada.

Perder o controle em sala não é bom, nem amedrontar os alunos também não. Dependendo da faixa etária de da turma, o professor deve pensar a maneira como vai lidar com eles, usando a melhor forma possível para conversar com eles e entrar num acordo.

Estudamos com um professor de Geografia, do ensino fundamental que nos ensinou na Escola Estadual em Pilõezinhos. Nessa escola não havia muitos recursos didáticos, mas ele sempre tentava mudar um pouco suas aulas, da maneira que podia. Fazia sabinada, exibia documentários, mostrava curiosidades na sala e

gostava de dialogar com os alunos sobre a atualidade. Passou muito tempo em sala, até que veio a aposentadoria. Ele parou de lecionar, mas sentiu falta, percebia no jeito dele que fazia por vontade, gostava de estar ali. Um exemplo de professor para nós. (GRIFO NOSSO)

Hoje a tecnologia avançou muito. Antes o professor utilizava apenas o giz e o quadro, hoje tem como suporte notebook para apresentar slides e vídeos, os alunos da escola pública receberam tablete para auxiliar no aprendizado, além dos livros didáticos.

O dia-a-dia do professor em sala de aula não é fácil, mas quando se faz com dedicação e compromisso se torna mais agradável. Pois toda aula vai ser única e pode ser que não sai como o professor esperava, mas pode sair melhor. Então o professor percebe que a educação é construída aos poucos e os resultados ainda que demorem um dia aparece.

2.1 Discutindo Diversidade

O Brasil é um país com grande diversidade étnica, sua população é composta essencialmente por três principais grupos étnicos: o indígena, o branco e o negro. Os indígenas constituem a população nativa do país, os portugueses foram os povos colonizadores da nação e os negros africanos foram trazidos para o trabalho escravo. Adas 2011

Houve a miscigenação, a partir do envolvimento desses povos, como afirma adas:

Esse contexto proporcionou a miscigenação dos habitantes do Brasil, caracterizados como mulato (branco + negro); caboclo ou mameluco (branco + índio); cafuzo (índio + negro). Com o prosseguimento da miscigenação, originaram-se os inúmeros tipos que hoje compõem a nossa população. (2011, pag.XX) colocar a pagina

De acordo Proença, Luiz. (2015, julho 28). O preconceito ainda é grande com relação a desigualdade, porque durante muito tempo e ainda hoje temos uma visão europeizada, a Europa como modelo. São estabelecidos padrões para serem seguidos, como religião, sexo e cultura. Mas essa realidade está mudando e tem que mudar mesmo e um bom lugar para conscientizar para nossa grande

diversidade é na escola, e acabar com esses modelos que no são imposto. É preciso desconstruir essa visão europeizada e construir uma visão que se volte para nossas origens, para assim formarmos nossa identidade.

Proença, Luiz. (2015, julho 28), fala na sua aula que a desigualdade existe porque nenhum ser humano é igual a outro. A desigualdade acontece no que se diz respeito, a raça, região, opção sexual, social. Sexo com essa desigualdade vem o preconceito que surge a partir da padronização a estabelecida pela sociedade. Tem que ser branco, alto, homem, magro. E o que não segue esse padrão é desigual e visto com preconceito, com receio. Mas todos somos iguais no que diz respeito aos direitos. Diversidade é um direito que o ser humano tem. Cada indivíduo é completo. Não se pode excluir. Pluralidade no grupo, ajudando no crescimento da sociedade.

A **diversidade** (do termo *latinodiversitate*) está ligada aos conceitos de diferença, oposição,^[1] pluralidade, multiplicidade, diferentes ângulos de visão ou de abordagem, heterogeneidade, comunhão de contrários, intersecção de diferenças ou tolerância mútua.(FERREIRA1986.) p. 602.

Tradicionalmente, a escola tem sido marcada em sua organização por critérios seletivos que tem como base a concepção homogeneizadora do ensino, dentro da qual alguns estudantes são rotulados. Esta concepção reflete um modelo caracterizado pela uniformidade na abordagem educacional do currículo: uma aula, um conteúdo curricular e uma atividade para todos na sala de aula. (DUK, 2006, pág. 59)

Trabalhar com algo uniforme, seria mais fácil, mas o mais fácil nem sempre é o melhor caminho para ser seguido e sim uma educação diversificada, levando em conta a diversidade em sala de aula e respeitar essas diferenças.

Mas temos que perceber que a diversidade cultural, social, religiosa no Brasil é muito abrangente e varia bastante de região para região. Por isso o modelo que foi criado, não pode ser considerado como único e o certo. A religião, a opção sexual, a cultura. A igualdade tem que existir na prática e não só na teoria.

...A Diversidade Cultural é diversa, ou seja, não se constitui como um mosaico harmônico, mas um conjunto de opostos, divergentes e contraditórios. A Diversidade Cultural é cultural e não natural, ou seja, resulta das trocas entre sujeitos, grupos sociais e instituições a partir de suas diferenças, mas também de suas desigualdades, tensões e conflitos. (Barros 2008 Pág 18)

No terreno da busca religiosa, a humanidade já construiu e continua construindo diferentes e múltiplas respostas à problemática da criação e da existência. De buscas e respostas se originam diferentes concepções sobre a (s) divindade(s), enquanto figura(s) ou fonte(s) da criação. Em torno desse assunto se organiza um conjunto de crenças, mitologias, doutrinas ou formas de pensamento relacionadas com a esfera do sobrenatural, divino, sagrado e transcendental, além de rituais e códigos morais. Assim, a diversidade religiosa deve ser reconhecida não como expressão da limitação humana ou fruto de uma realidade conjuntural passageira, mas como traços de riqueza e valor. (OLIARI, 2013,pág 10)

A diversidade social baseia-se em três realidades humanas. Primeiramente, a de que cada indivíduo é único. Em segundo lugar, a de que os indivíduos e suas sociedades estão inter-relacionados e interdependentes. Por último, a de que as sociedades e culturas são dinâmicas: as mudanças podem ser rápidas ou graduais mas irão sempre afetar diferentes membros da sociedade de modo a refletir as diferenças em termos de poder e status. (EADE, 1996, pag 1).

Com isso está sendo criada uma nova proposta de ensino que é educação para todos, sem distinguir, sem excluir. Que começou a ser colocada em prática. O direito a educação, como afirma Teixeira:

“O direito à educação faz-se um direito de todos, porque a educação já não é um processo de especialização de alguns para certas funções na sociedade, mas a formação de cada um e de todos para a sua contribuição à sociedade integrada e nacional, que se está constituindo com a modificação do tipo de trabalho e do tipo de relações humanas. Dizer-se que a educação é um direito é o reconhecimento formal e expresso de que a educação é um interesse público a ser promovido pela lei. (TEIXEIRA, 1996)

Acolher a todos, mudando os métodos de ensino para envolver mais esses alunos que por muito tempo foram excluídos da sociedade, por que não correspondiam ao padrão. Mas essa não é uma tarefa fácil ao decorre, mudar essa visão que foi construída e os professores ainda sentem dificuldades para lidar com os desafios que aparecem em sala de aula. Muitos não se sentem preparados, ou estão acomodados, ou estão muito atarefados trabalhando em mais de um turno.

A transição para a inclusão nem sempre é plenamente entendida ou bem-vinda quando as pessoas estão acostumadas a sistemas discriminatórios ou quando os educadores se sentem inseguros quanto à sua capacidade de responder à diversidade existente nas escolas. É preciso, portanto, mobilizar opiniões a favor da inclusão e, assim que possível dar início à construção consensual do conceito de inclusão em cada realidade em particular. No Brasil, isto significa combater a exclusão educacional de grupos vulneráveis, tais como, as pessoas com deficiência, as crianças e jovens que vivem em situação de extrema pobreza, as crianças trabalhadoras e aquelas que vivem nas ruas, os rapazes e moças que se envolvem no tráfico de drogas, entre outros. (DUK 2006 Pág 106)

Na família, os papéis que a sociedade estabelece para homens e mulheres são passados e cultivados. Estudos demonstram o papel central das diferenças de atitudes e comportamentos que são adotados por pais e mães em relação a seus filhos ou filhas como consequência de seu sexo. Para as meninas, há uma preocupação de se fortalecer a sensibilidade, o medo, a obediência, a dependência, a afetividade. Já para os meninos procura-se reforçar a importância da agressividade, competitividade e independência. (DUK 2006 pág 86)

Entendemos que muitos pais apoiam a inclusão, mas ficam meio receosos quando o assunto é gênero. Vivemos numa sociedade machista e preconceituosa.

O objetivo da educação inclusiva não é apenas que todos os alunos (a) s se eduquem juntos na escola comum; implica, também, assegurar sua permanência em sua família de Origem e em sua comunidade. Desta forma, na visão da Educação para Todos a aprendizagem é concebida a partir de um enfoque holístico, ou seja, é realizada no lar e na comunidade, tanto como na escola e em outros centros de ensino. Nesta perspectiva, a participação ativa da família e da comunidade é essencial. (DUK 2006) Pág.155

A escola inclusiva é aquela, como dito anteriormente, que se organiza para atender alunos não apenas ditos "normais", mas também os portadores de deficiências, a começar por seu próprio espaço físico e acomodações. Salas de aula, bibliotecas, pátio, banheiros, corredores e outros ambientes são elaborados e adaptados em função de todos os alunos e não apenas daqueles ditos normais. Possui, por exemplo, cadeiras com braços de madeira tanto para destros quanto para canhotos, livros em braille ou gravados em fita cassete, corrimãos com apoio de madeira ou metal, rampas nos diferentes acessos de entrada e saída e assim por diante. (SALGADO, Elizabeth)

As mudanças que podemos perceber na escola em termos estruturais são muito pequenas, mas acredito que pode ser feito muito mais por parte das autoridades responsáveis, para acolher todo o público de forma respeitosa e com dignidade.

O espaço escolar e público vem passando por modificações, estão sendo criadas mais rampas de acesso, em lugares que era de difícil acesso para os cadeirantes. Nas escolas, nos postos de saúde e etc., mas não basta apenas criar rampas, essa mudança tem que acontecer também em cada pessoa.

A solidariedade não existe em todas as pessoas, algumas nascem com ela, outras vão aprendendo com o tempo e outras se fecham para aprendizados essenciais. No entanto as pessoas que não querem ser solidárias, que possam adotar o respeito. Pois ser diferente é normal.

Cada membro da sociedade tem que fazer sua parte. A escola tem muita importância e sua contribuição é fundamental, mas a participação dos pais e comunidade é o que vai ajudar a formar cidadãos melhores.

A Inclusão Escolar só pode ser viável enquanto fruto e não como terra ou arado. Ela só poderá acontecer realmente quando aquele que tem a função de plantar, ou seja, o professor e toda a equipe que faz parte do funcionamento da escola, desde a direção até o servente, mudarem sua atitude em relação ao lidar com a diferença, aceitando-a, estabelecendo novas formas de relação, de afetividade, de escuta e de compreensão, suspendendo juízos de valores que abarcam pena, repulsa e descrença. (SALGADO, Elizabeth)

Enquanto as avaliações podem ser feitas trabalhos em grupo, diversificando esses grupos e supervisionado os grupos para saber a evolução de cada um. Grupos pequenos, mas criando espaço para que a criança ou adolescente possa se expressar, de acordo com sua capacidade, sua realidade, sua cultura... A escola precisa conhecer seus alunos. Para que haja um melhor relacionamento.

Infelizmente os recursos obtidos nas escolas públicas não são tantos, mas a criatividade ajuda nesse momento. Dinâmicas, vídeos e até trabalhos em cartolina podem auxiliar nas aulas.

A diversidade no mundo é que faz com que ele seja mais belo. Se fôssemos todos da mesma raça, religião, cultura, não haveria sentido, não haveria encantamento. Muito interessante conhecer outras culturas, religiões. Cada ser humano é único.

As mudanças ou ajustes no ensino para conscientizar os alunos não será tarefa fácil, nem rápida. Mas se a escola tiver apoio da comunidade, da família ajudará a formar melhores cidadãos, conscientes das diferenças, respeitando os colegas, não apenas os deficientes, mas num todo. Para isso deveria haver

palestras, para ajudar a desfazer esse pensamento tradicional sobre os fatos. O mundo está em constante mudança, as crianças e jovens tem mais acesso às informações, as leis estão mostrando que temos direitos iguais e a diversidade cultural que enriquece esse país.

3 VIVÊNCIA EM SALA DE AULA NA ESCOLA ESTADUAL SÍLVIO PORTO

O que aprendemos na universidade durante o estágio é muito importante, pois nos prepara para próxima etapa que vamos seguir no estágio que é a sala de aula. Na universidade aprendemos que ser professor é muito gratificante, mas temos muitos desafios no dia-a-dia e que aprendemos juntos com alunos. O planejamento é muito importante e útil para o professor. No estágio observamos nossa prática, por isso que ele é de tamanha importância. No começo do estágio, o impacto é grande, pois o aluno sai da sua zona de conforto que é a universidade e vai buscar o novo nas escolas. Mas essa busca é fascinante e é a partir dele que o aluno estagiário vai formando seu perfil ou sua identidade, personalidade enquanto profissional na educação. O aprendizado que adquirimos com o estágio e levamos para o resto da vida.

Na universidade estudamos e aprendemos na teoria sobre o estágio, mas é na prática durante a realização dos estágios que percebemos a tamanha importância em nossa formação acadêmica. Temos o contato direto com uma sala real.

O planejamento escolar é muito importante e útil na vida de um professor. Para o estagiário que é um aprendiz de professor não é diferente de O ato de planejar uma aula é se antecipar aos próximos passos que vai percorrer durante a aula. O planejamento não é feito de qualquer maneira, o professor tem que refletir sobre ele e ver qual plano vai dá certo para aquela aula.

O dia-a-dia do professor em sala de aula não é fácil, mas quando se faz com amor se torna mais agradável. Pois toda aula vai ser única e pode ser que não sai como o professor esperava, mas pode sair melhor do que o esperado. Então o professor percebe que a educação é construída aos poucos e os resultados ainda que demorem um dia aparece e é reconhecido, fazendo com que o profissional se torne satisfeitos além das conquistas diárias em sala de aula. Selecionei a Escola Estadual

que está localizada na rua: Manoel Alves de Souza, na cidade de Pilõezinhos/PB para estagiar, e está me acolheu de braços abertos. O número total de alunos do Estadual é 409. No 1º A são 22 e no 1ºB 16. O número total de funcionários é 30, professores 30, sendo apenas 3 professores de História.

A escola possui em sua estrutura física:

- 6 salas de aula;
- Biblioteca;
- Sala de informática;
- Cantina;
- Ginásio;
- Diretoria;
- E estão sendo construídas rampas de acesso para cadeirantes.

A escola onde estudei desde a pré-alfabetização até o oitavo ano, agora teria uma pequena retribuição minha, ela que tanto contribuiu para meu aprendizado. Muitos professores com quem estudei já não fazem mais parte do corpo docente e muitos funcionários já não trabalham mais, mas conheço boa parte deles. Os alunos também conheço, mas ainda não tinham me visto como aprendiz de professora e foi novidade para eles. Estagiei em três escolas diferentes, mas na Escola Estadual Sílvio Porto que me senti professora.

Minha experiência em sala de aula foi muito inovadora para mim, pois foi a primeira vez que entrei em contato com a escola, para aprender a lecionar. Existe o impacto do novo, mas com o decorrer do estágio ele vai diminuindo. Os professores da escola me receberam bem, só em abrir o espaço para o estágio, já foram generosos, mas foram, além disso, forneceram materiais e algumas vezes participaram como aluno nas aulas, contribuindo para o esclarecimento dos assuntos e me auxiliando.

O professor Edmilson foi muito gentil e Antes de preparar as aulas, conversei com o professor para saber se ele tinha alguma preferência no assunto a ser trabalhado em sala, ele me indicou a Pré-História para as duas turmas e pediu que

levasse imagem para que os alunos fixassem bem o assunto. Eram dois 1º anos que a estagiei. O 1º A e o 1º B.

Quando estava planejando, percebi que o plano baseado no modelo de Piletti era o mais indicado, principalmente para quem está iniciando em sala de aula e por ser mais flexível e pode ser alterado de acordo com o que está sendo percebido durante as aulas e se é adequado.

O 1º B foi o primeiro que lecionei. Primeiro comecei abordando as duas teorias, a criacionista e a evolucionista, depois detalhando o assunto da pré-história, passei um vídeo resumindo sobre as duas teorias. A turma é bem diversificada e um dos alunos questionou a teoria, expliquei e depois de um tempo debatendo com ele concordou, pois falei que existem duas teorias e iríamos trabalhar a evolucionista. Depois fui para o 1º A, segui a mesma seqüência a pedido do professor, a turma é calada, mas tem alguns alunos que gostam de questionar e até contribuir para aula, um aluno ficou curioso para saber sobre a sexualidade na pré-história, respondi baseado no que foi explicado durante a aula e deu certo.

Nenhuma aula é igual a outra, duas turmas e o mesmo assunto, mas foi diferente, a turma não é a mesma.

Na semana seguinte voltei a escola para continuar o assunto. Lecionei primeiro no 1º B, fiz um breve resumo da aula anterior e em seguida realizei uma dinâmica com a turma. A dinâmica era para ler tirinhas de papel tiradas aleatórias de uma caixinha nas tirinhas estava escrita curiosidades sobre a pré-história. A turma foi bem participativa. Eles explicavam o que haviam entendido e o professor e eu acrescentávamos se preciso. Logo em seguida mostrei através de slides as diferenças dos crânios no decorrer da evolução e joias e armas que eram utilizadas nesse período, feitas de pedra e ossos. Em seguida passei um vídeo sobre a evolução do homem. Agradei a turma e me despedi.

Na aula seguinte fui para o 1º A. Fiz um breve resumo como na turma anterior. Em seguida realizei uma dinâmica. Mostrei imagens e pedi para eles falarem se pertencia a pré-história e se sim de qual período? A turma gostou e participou. Em seguida mostrei algumas curiosidades da pré-história. Mostrei um vídeo sobre a evolução do homem e ficaram curiosos e lembraram algumas vezes do que foi dito em sala. O professor Edmilson, se mostrou satisfeito com o desempenho dos alunos. Agradei a turma e ao professor pela oportunidade e ele estava bastante agradecido.

A avaliação nas duas turmas foi participativa, o professor falou que iria pontuar os alunos que participaram e contribuíram nas aulas.

A diversidade que notei nas turmas foi a de gênero, cultural e religiosa. Acredito que o difícil acesso aos cadeirantes não motive estes a frequentar a escola, por isso a escola vem fazendo adaptações para que se sintam bem-vindos. Estão sendo criadas rampas de acesso. Infelizmente a realidade é que os pais se sentem mais à vontade matriculando os meninos em escolas particulares onde serão melhores acolhidos. Acreditamos numa educação gratuita e boa para todos, ansiamos por isso, mas temos que pensar e agir.

Trabalho concluído, pensei eu, mas depois repensei trabalho iniciado. Pois foi apenas o início da jornada. Precisamos de mudanças no campo escolar, melhoramentos. Sei que o entusiasmo dos alunos com minha presença, foi apenas porque eu era novidade na escola, na sala e com o passar do tempo não vou ser mais novidade, por que iriam ficar acostumados com minha presença. Ser professor (a) é um desafio diário, mas também uma conquista diária. O professor não é o super-herói, mas ele é um auxiliador do conhecimento e é de suma importância para formação da sociedade.

A minha pequena passagem pela sala de aula, me mostrou que estou aqui com a tarefa de ajudar a colocar os tijolos dia-a-dia, construindo a educação.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao concluir esse trabalho, percebo o quão grande é a importância do convívio em sala de aula. O professor é uma ponte entre o aluno e o conhecimento, mas o contato com o aluno faz também com que o professor aprenda. Então há uma troca de conhecimento fundamental em sala.

Ser professor é um desafio diário, mas uma conquista diária também, pois ele se alegra com o desempenho dos alunos e se preocupa quando esse não é obtido.

A diversidade em sala de aula é fundamental para a formação dos alunos enquanto cidadãos. Aprender a conviver com as diferenças e aprender a respeitar os colegas não só na sala de aula, mas na sociedade. Por isso que os professores juntamente com a escola precisam do apoio das famílias e da comunidade para ajudar e se conscientizar da pluralidade que existe na nação.

No estágio já percebemos as mudanças para incluir o público que antes era isolado. Rampas de acesso para deficientes físicos, em algumas escolas acompanhantes.

As mudanças já começaram, mas ainda há muito a se fazer, principalmente no que se diz respeito a conscientização das pessoas, pois o preconceito ainda faz parte das comunidades e precisa ser extinguido.

Essa conscientização começa na escola, mas cada um tem que fazer sua parte, não só pensar agir. Todos juntos por uma educação de qualidade para todos.

SUMMARY

Through this article we will discuss about the history of education and its contribution over time. How is the diversity in the classroom and how to work with diversity, the position of the school in general, in addition to changes in school structure for access for wheelchair users. Show the importance of training in school practice and prospects for future teachers. n theoretical Rationale use the authors SCHMIDT, Mary Help of Christians (2009), DUK, Cynthia (2006), KARNAL, Leandro (2016), among others. And as a result we find that the school still needs improvements in both physical structure as the body of employees who are part of it. Welcoming the audience that has some kind of disability, so that they feel part of not only the school, the classroom and the community. During the work, show proposals or options to work with diversity in the classroom.

Keywords: History teaching. Diversity. Teacher

REFERÊNCIAS

Adas, Melhem. Expedições geográficas / Melhem Adas, Sérgio Adas. -- 1. ed. -- São Paulo: Moderna, 2011. Disponível em: <https://blogdoprofessorhenry.blogspot.com.br/2014/11/geografia-brasil-diversidade-etnica.html>. Acessado em 28/08/16

Diversidade Cultural : da proteção à promoção / José Márcio Barros, organizador ; [fotos Luan Barros, Maurício Zaferino ; arte José Augusto Barros] . – Belo Horizonte : Autêntica Editora, 2008.

DUK, Cynthia. Educar na diversidade: material de formação docente.3.ed./edição do material Cynthia Duk.-Brasília[MEC, SEESP], 2006.266p.

Eade, Deborah disponível em: <http://www.developmentinpractice.org/pt-br/book/desenvolvimento-e-diversidade-social>. Acessado em 30/08/16

FERREIRA, A. B. H. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. 2ª edição. Rio de Janeiro. Nova Fronteira. 1986. p. 602. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Diversidade> acessado em 29/08/16

KARNAL, Leandro. Conversas com um jovem professor/Leandro Karnal(com a colaboração de Rose Karnal).-1.ed., 4ª impressão. São Paulo: Contexto, 2016.

OLIARI, Gilberto. Publicado no jornal Mundo Jovem- edição de junho/2013-p.10. disponível em: <http://www.mundojovem.com.br/artigos/direitos-humanos-e-diversidade-religiosa>. Acessado em: 30/08/16

RIBEIRO, Paulo Silvino. "Cultura Brasileira: da diversidade à desigualdade"; *Brasil Escola*. Disponível em <<http://brasilecola.uol.com.br/sociologia/cultura-brasileira-diversidade-desigualdade.htm>>acessado em13/07/16

SALGADO, Elizabeth. Disponível em: <http://psicopedagogia-em.blogspot.com.br/2012/02/inclusao.htm>. Acessado em 05/08/16

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. Ensinar História/ Maria Auxiliadora Schmidt, Marlene Cainelli. -São Paulo: Scipione, 2009. Coleçãopensamentos e ações sala de aula).